

A Reforma Protestante

O séc. XV exibiu as condições ideais para que os anseios de reforma pudessem finalmente se concretizar.¹ Por um lado o sequestro e pública humilhação de Bonifácio VIII em 1303 (Aula 11) seguido do período do “Cativo Babilônico” marcavam um novo momento no qual o papa já não era um símbolo incontestável na Europa. Além disso, as práticas abusivas de vendas de indulgências atingiram seu ápice com o papado de Leão X que sonhava terminar a Basílica de São Pedro. Além disso a prática da simonia – compra e venda de cargos religiosos – fazia sofrer a igreja, em especial por que se por um lado o alto clero se beneficiava da simonia vivendo uma vida de poder e luxo, o baixo clero era na maioria das vezes composto de sacerdotes ignorantes, iletrados, muitos deles recitando a missa em latim de cor, sem sequer saber o significado. A imoralidade sexual tanto do baixo quanto do alto clero era amplamente conhecida pelo povo e nos mosteiros a situação não era melhor, tendo a vida de oração dos monges se tornado um jogo de poderes e privilégios.² Tudo esses elementos da vida da igreja se somaram a outras condições na vida política e militar da Europa do Séc. XV e XVI, possibilitando a Reforma Protestante.

Martinho Lutero (1483-1546) nasceu em Eisleben, Alemanha. De uma família de camponeses, Lutero teve uma infância difícil sob a dura disciplina de seus pais, que eram extremamente severos. Essa infância teria sido determinante para os períodos de profunda angústia e depressão do jovem Lutero, que abandonaria os sonhos do pai de que fosse advogado para tornar-se monge agostiniano em 1505, aos 22 anos de idade. Narra-se que teria sido após um temporal com trovoadas e raios que Lutero, temendo a morte e o inferno, teria prometido dedicar sua vida como monge. De fato, a suprema preocupação de Lutero sempre fora a ideia de garantir sua salvação e ganhar a aprovação de um Deus que era um juiz extremamente exigente, santo e justo. Em tudo isso, vemos ecos da infância de Lutero e de como seu caminho não foi meramente intelectual, mas sim uma jornada escrita com angústia e muitas lutas interiores.

Mesmo tornando-se monge, Lutero não tinha certeza de estar garantindo sua salvação. Lutero praticou arduamente disciplinas que impunham duras penas ao corpo e ao espírito, recorria com frequência ao confessor, mergulhou na leitura dos místicos, tudo sem sucesso. Seu conselheiro espiritual então o enviou para dirigir cursos na Universidade de Wittenberg e em 1513 começou a dar aulas sobre os salmos. Foi nesse período de mergulho nas Escrituras que Lutero descobriu em 1515, ao ministrar uma série de palestras sobre Romanos, que o Evangelho era a revelação da justiça de Deus. Foi com grande luta e angústia que Lutero finalmente compreendeu que no Evangelho a justiça de Deus não é contra o pecador, mas a favor dele por causa da obra de Jesus que nos justificou por sua morte substituidora.

Então, em 1517 a peregrinação de Lutero encontrou-se com os intentos do papa Leão X, que enviara a Alemanha Central João Tetzel, dominicano responsável pela venda de indulgências que utilizava uma propaganda sem escrúpulos e sórdida. Foi diante desse quadro de exploração dos mais pobres, ignorância e superstição que no dia 31 de outubro de 1517 Lutero pregou na porta da igreja do castelo de Wittenberg as 95 teses nas quais, com espírito inflamado, expunha o sistema de penitências e questionava o enriquecimento da igreja. Aliadas a um ressentimento nacionalista dos alemães contra os exploradores estrangeiros, as teses se espalharam como fogo pela Alemanha impulsionadas pela imprensa de tipos móveis recém surgida.

Leão X delegou a questão a um concílio de monges agostinianos que viria a se reunir em Heidelberg, diante dos quais Lutero defendeu suas ideias e convenceu a muitos. A polêmica em torno de Lutero crescia e o mesmo foi convocado para explicar-se na dieta de Augsburgo, para a qual foi sob proteção do príncipe Frederico, sob cuja jurisdição Lutero vivia. Lutero saiu de Augsburgo às escondidas para regressar a Wittenberg. O próximo capítulo foi uma série de debates entre Lutero e João Eck na Universidade de Leipzig em 1719 que declarou que Lutero era um herege hussita (seguidor de John Huss). Agindo tarde, Leão X finalmente expediu a excomunhão de Lutero, que recebendo a bula em 1521 a queimou junto com uma série de livros papistas. Estava definido o rompimento.

Lutero foi então convocado para apresentar-se na dieta de Worms em 1521, na qual estaria diante do Imperador e dos poderes eclesiásticos. Quando instado a se retratar, Lutero respondeu: “Não posso nem quero me retratar de coisa alguma, pois ir contra a consciência não é justo nem seguro. Deus me ajude. Amém”. Frederico descobriu nos bastidores que a dieta condenaria Lutero e por isso coordenou o sequestro de Lutero e o pôs a salvo no castelo de Wartburgo. Nesse período de exílio, Lutero traduziu a Bíblia para o alemão (o marco inicial da língua alemã moderna) e compôs hinos e escreveu livros.

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.11-63

² GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.16

Enquanto isso, em Wittenberg seus discípulos Carlstadt e Filipe de Melanchton faziam avançar a reforma. O processo de avanço da reforma foi lento e gradual e só pôde avançar por que uma série de eventos políticos ocorreram nesse período. O imperador Carlos V desejava acabar com o luteranismo, mas estava pressionado por inimigos por todos os lados e precisava contar com o apoio de muitos príncipes que haviam se tornado luteranos. Após várias reuniões do imperador com os príncipes (dietas) chegou finalmente a um acordo entre católicos e protestantes na Alemanha, conhecida como Paz de Nuremberg em 1532. O protestantismo crescia e se expandia cada vez mais.

Reformadores

Lutero não foi o único a chegar a conclusões reformadoras em seu tempo. Ulrico Zuínglio (1484-1531) nasceu em uma aldeia suíça, vindo a estudar em Basileia, Berna e Viena. Formou-se mestre em Artes em 1506 e tornou-se sacerdote em Glarus. Em 1512 e 1515 Zuínglio acompanhou mercenários suíços em campanhas na Itália e convenceu-se de que esta prática era um dos males para seu povo. Anos mais tarde, começou a pregar contra a ideia de que esses exercícios traziam salvação e quando tornou-se sacerdote em Zurique Zuínglio já possuía ideias reformadoras muito semelhantes a de Lutero. Diferente do caminho de angústia de Lutero, foi por meio do estudo das Escrituras que Zuínglio proibiu a venda de indulgências em Zurique e o apoio as guerras do papa avançando para um rompimento que se daria definitivamente em 1522. Zuínglio atacou sistematicamente as penitências, as indulgências e o celibato, mudou a liturgia das igrejas, começou a oferecer a ceia em ambos os elementos e começou a irradiar suas ideias pela região. Lutero tinha a posição de que tudo aquilo que contradizia as Escrituras deveria ser retirado da igreja. Já Zuínglio afirmava que tudo aquilo que não era expressamente ordenado pelas Escrituras não deveria ser feito. Logo, foi abolido o uso de órgãos nas igrejas, posição semelhante a que Calvino teria mais tarde.

Os católicos suíços começaram a ensaiar uma aliança com Carlos V e em 1531 uniram-se para atacar Zurique, que foi pega de surpresa. Zuínglio saiu com o primeiro contingente de soldados para tentar segurar o avanço das tropas dando tempo para os preparativos da guerra e caiu morto na batalha de Cappel. Um mês após a sua morte foi firmada a paz entre católicos e protestantes, a Paz de Cappel.

A ideias de Lutero e Zuínglio foram abraçadas por muitos que nutriam desejos reformadores, mas logo algumas pessoas começaram a radicalizar ainda mais as ideias dos reformadores. Essas pessoas afirmavam que a igreja primitiva era muito diferente da sociedade ao seu redor e que foi a união entre igreja e estado em Constantino que levou a igreja a abandonar sua origem. Logo, a igreja não era uma comunidade a qual se pertence por nascer nela, como no caso do estado, mas demanda um engajamento consciente e voluntário. Essas pessoas então passaram a rechaçar o batismo infantil e abraçaram o pacifismo: todo cristão é proibido de guerrear. Essas ideias radicais para a época circulavam a Europa mas um movimento articulado apareceu pela primeira vez em Zurique. Quando essas pessoas notaram que Zuínglio seguiria outro caminho, essas pessoas fundaram sua comunidade e passaram a rebatizar os que ingressavam, ficando conhecidos como "anabatistas". Para elas o primeiro batismo não era válido, pois o batismo só pode ser ministrado mediante confissão de fé. Além disso, para eles era necessário a separação de todo vínculo entre igreja e estado.

Não demorou para que os anabatistas fossem vistos como subversivos tanto pelos católicos quanto pelos protestantes, passando a ser martirizados pelos católicos na Suíça, Alemanha e vários outros locais. O número de mártires foi enorme, muitos sendo queimados e outros mortos afogados como um ato de ironia referindo-se ao batismo por imersão. Ainda sim o movimento sobreviveu, tendo no ex-sacerdote Menno Simons (1496-1561) um dos seus principais nomes.

Na Inglaterra, Henrique VII casou seu filho Artur com Catarina de Aragão, filha dos reis católicos da Espanha. Todavia, Artur faleceu e Catarina foi dada em casamento a Henrique VIII, que viria a ocupar o trono da Inglaterra. Contudo, desse casamento Henrique VIII teve apenas uma filha e aparentemente movido por questões de sucessão pediu ao papa a anulação do casamento. Contudo, o papa Clemente VII estava atado por questões políticas e não procedeu a anulação. Henrique VIII, que não simpatizava com as ideias reformadoras, tomou um caminho definitivo: reuniu o parlamento e em 1534 que promulgou a anulação de seu casamento e declarou o rei "Chefe Supremo da Igreja da Inglaterra". Nascia então a Igreja da Inglaterra, também conhecida como Igreja Anglicana e Igreja Episcopal.

Em relação a vida religiosa da nova igreja Henrique VIII tinha uma posição conservadora e quem deu de fato propulsão a mudanças foi o Arcebispo de Cantuária Tomás Cranmer (1489-1556), que ordenou a tradução da Bíblia para o inglês e proveu que houvesse uma cópia em cada igreja e coordenou a dissolução dos mosteiros no país. Com a morte de Henrique VIII subiu ao trono Eduardo VI. Nesse período a reforma avançou com a ministração da ceias em ambos os elementos, queda do celibato para o clero e as imagens foram retiradas das igrejas. Além disso, nesse período foi finalizado o Livro de Oração Comum: uma liturgia para o povo inglês. Ao mesmo tempo retornavam para a Inglaterra pessoas que se exilaram anteriormente, trazendo a fé calvinista e muitos seguidores das ideias de Zuínglio. A Reforma na Inglaterra ainda passou pelo período do reinado de Maria Tudor, que em 1554 retornou a Inglaterra a fé católica, executando cerca de 288 pessoas que mantiveram posições protestantes, entre eles Cranmer. Maria Tudor foi sucedida por Elisabete I em 1558 que restaurou o anglicanismo na Inglaterra.